

Sentidos discursos dos programas sociais do governo Lula

p. 132 - 141

Francieli Conrado (Unicentro)

Profª. Dr. Maria Cleci Venturini (Unicentro)

Resumo

No presente artigo analisamos aspectos relativos ao discurso político do Presidente Lula, considerando desde o início da sua trajetória política até os posicionamentos adotados ao longo do exercício do cargo presidencial. Essa análise tem como principal componente os referenciais propostos por Eni Puccinelli Orlandi, pelos quais buscamos efeitos de sentidos decorrentes da comparação entre a postura do atual presidente e Getúlio Vargas, uma figura política emblemática nacional. Interessa-nos, igualmente, a identificação de procedimentos discursivos pelos quais emergem efeitos de sentidos ligados ao populismo, especialmente, na fala de Lula, instaurando um imaginário relacionado aos sentimentos ligados ao povo. O que se tem é que esse sujeito busca identificar-se aos seus interlocutores, constituindo traços de identificação, buscando ser visto como semelhante ou igual à maioria dos cidadãos brasileiros, pertencentes às classes populares, tendo em vista que eles são a maioria dos votantes.

Palavras-Chave: Discurso político; memória; cultura política; sentido.

Abstract

In this paper we analyze aspects related to President Lula's political discourse, considering since the beginning of his political career up to the positions adopted during the years of the presidential office. This analysis has as the main component the benchmarks proposed by Eni Puccinelli Orlandi, by which we seek effects of senses arising from the comparison between the position of the current president and Getulio Vargas, an iconic national political figure. We are also interested in, identification of discursive procedures through which emerge senses effects related to populism, especially in Lula's speech, establishing an imagery feelings connected to the people. What we have is that this subject tries to identify himself to his counterpart, providing identifying traits, trying to be seen as similar or equal to a majority of Brazilian citizens, belonging to the popular classes, given that they are the majority of voters.

Keywords: political speech; memory; political culture; respect.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o discurso do Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, focalizando o seu funcionamento como sujeito na posição de representante do povo. Nos centramos nos efeitos de sentido populista de seu discurso, isto é, discursos governamentais

proferidos e centrados em programas sociais e que busca constituir identificação entre ele os sujeitos-cidadãos pertencentes às classes populares. Para dar conta deste objetivo e desfazer evidências de saturação e de homogeneidade dos sentidos desse discurso tomamos o discurso, no sentido dado por Orlandi (2003) como efeito de sentido entre locutores, como a palavra em movimento. Com

isso, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, de orientação francesa, desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores que com ela trabalham.

Num primeiro momento, podemos dizer, ancorando-nos em empiricidades que circulam socialmente e no meio político que o discurso de Lula se baseia na emotividade, que desenha um país, no qual haverá, segundo ele, cada vez mais igualdade de condições e de oportunidades entre todos os segmentos populacionais, especialmente, nas áreas da educação, da habitação, da saúde e da segurança. Com isso, constitui-se, em torno dele um imaginário de sucesso e do que em outros tempos foi recorrente a designação “salvador da pátria”. Revistas de grande circulação têm enfatizado o seu sucesso de Lula, sinalizando que os demais candidatos querem ser como ele. Podemos dizer, inicialmente, que nesses discursos retornam discursos em torno do que seria “salvador da pátria” e elementos ideológicos que estruturam essa figura no cenário do popular. Retornam, igualmente, outros discursos populistas e por meio deles, outras lideranças políticas.

A repetição e o retorno de discursos colocam o sujeito Lula no centro de discursos ligados à ilegalidade. Na Revista IstoÉ, nº. 2125, de 4 de agosto de 2010, por exemplo, há uma matéria que sinaliza para o fato de que os demais candidatos a presidente nas eleições deste ano desejam ser “como Lula”. Segundo a mesma revista (p. 40), “o presidente Luiz Inácio Lula da Silva exerce um papel, nessas eleições, que nenhum de seus antecessores imaginou cumprir, mesmo os mais populares, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek”. Ele não disputa o pleito eleitoral, mas influencia os eleitores, tanto que Dilma Rousseff, escolhida por ele para sucedê-lo, apesar de até então exercer papel secundário no cenário político, esteve durante muito tempo liderando as pesquisas e as intenções de votos,

superando José Serra, que foi governador de São Paulo, um dos maiores colégios eleitorais do Brasil e também destaque no cenário político e econômico social do país.

Nessa reportagem, há dados que mostram o desejo de identificação dos demais candidatos ao presidente, considerando que o apoio dado por ele significa votos, tendo em vista a histórica popularidade de 77% de aceitação. Segundo pesquisas, “entre os eleitores 42% dizem que votarão com certeza no candidato apoiado pelo presidente Lula” (idem, p. 42). Até então, segundo a mesma revista, havia uma divisão entre os que votariam em Dilma e aqueles que preferem Serra, configurando um empate técnico. Entretanto, na semana de 15 a 20 de agosto de 2010, a candidata apoiada por Lula adquiriu a vantagem de aproximadamente 11% das intenções de voto.

O próprio Lula tem, segundo a mesma revista, que circulou em 11 de agosto de 2010, consciência da relação de sua identificação com a sociedade, não só brasileira, mas do mundo todo. Perguntado pelo repórter da IstoÉ se deixaria o Palácio do Planalto como o presidente mais popular da história do País e como pensa em administrar esse patrimônio depois de sair do governo, ele respondeu que o maior medo é tomar atitude precipitada sobre o que vai fazer, exemplificou o que seria atitude precipitada dizendo: “Montar alguma coisa e depois de seis meses descobrir que não era aquilo” (idem p. 46). Então ele pensa que deixar o mandando numa situação muito confortável exige dele um tempo de maturação de mais ou menos quatro ou cinco meses. Com isso, a candidata Dilma, escolhida para ser sua sucessora teria tempo de construir um governo que “seja a cara dela, do jeito dela, e eu ficarei no meu canto, curtindo o fato de ser um ex-presidente da República” (ibidem, p. 46).

Portanto, o foco desta investigação é o funcionamento dos discursos do Presidente

Luís Inácio Lula da Silva e do PT para buscar os efeitos de sentidos desses discursos, bem como as memórias que ressoam no eixo da formulação e o sustentam/autorizam. Buscamos, também, os programas sociais que o estruturam com vistas a analisá-los, buscando os processos discursivos pelos quais determinados efeitos de sentidos se constituem pelo funcionamento da língua na história e outros não. Tendo em vista as condições de produção no sentido dos textos consideramos a história elementos para analisar o caráter político-ideológico que estrutura os discursos de Luis Inácio e do PT para identificar os laços que aproximam o programa de governo dos sujeitos-cidadãos que constituem a nação, o povo brasileiro. Interessa igualmente o Lula sindicalista – na história e na vida pública.

As tramas do discurso político

No discurso as palavras significam e instauram determinados efeitos de sentido pela circulação em determinadas formações sociais, nas quais os sujeitos são interpelados ideologicamente e atravessados pelo inconsciente, conforme Pêcheux (1997). A linguagem verbal, mas também na não-verbal, incluindo gestos e tom de voz que estruturam o discurso e constituem determinados efeitos de sentidos. Isso significa que materialidades diversas, não só textos escritos, constituem/estruturam os discursos definidos como a palavra em movimento, de acordo com Orlandi (2003) e Pêcheux (1997). Os discursos cumprem funções discursivas na formação social, não apenas como mensagens, mas como efeitos, que dependem de sujeito e da inscrição desses sujeitos em formações discursivas.

Na perspectiva discursiva, que sustenta nossas análises, o discurso, segundo Orlandi (2003, p.21), não informa apenas, “pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e

sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação”. Nesses processos um dos fatores relevantes é a identificação do sujeito, a argumentação (organizada a partir de formações imaginárias), a subjetivação do sujeito, constituída, segundo Pêcheux (1997), pelos esquecimentos estruturadores dessa subjetivação. Dessa forma se constituem simulacros de realidades, que o mesmo autor designa como pequeno teatro.

Na concepção de Orlandi (2003, p. 15), o discurso “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção humana”. Nesse sentido, o discurso tende a representar um modo de ação, possibilitando a quem o emite efetivar uma ação na esfera social em que está inserido, exprimindo uma avaliação ou interpretação de uma situação que está sendo vivenciada, mas isso, especialmente no discurso político passa pelo imaginário.

No domínio do político, conforme destacamos anteriormente, as projeções imaginárias são de suma importância, tendo em vista que o sujeito responsável pelo dizer efetua projeções imaginárias em torno do outro (sujeito eleitor) que vai atingir por meio de mecanismos de antecipação, pelos quais, segundo Orlandi (2003, p.39), “todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras”. Com isso ele prevê o sentido de suas palavras, regulando a argumentação, dizendo de um modo e não de outro.

Na Revista IstoÉ, nº. 2125, de 4 de agosto de 2010, em que Lula avalia o seu governo e o alcance de suas palavras, ele demonstra ter consciência do alcance do seu discurso e do coletivo atingido. Segundo a mesma revista (p. 41), “Não importa

o partido, pouco importa o credo, hoje no Brasil quase todos os candidatos prometem ser uma extensão de Luis Inácio Lula da Silva. Segundo as pesquisas, o presidente é capaz de influenciar quase dois terços do eleitorado brasileiro.”

O agente político, ao tentar estabelecer uma diferenciação com a imagem existente acerca do discurso no âmbito social e a partir das formações imaginárias constituídas em torno do que seja a nação brasileira e os sujeitos que nela vivem, desenvolve um discurso que possa diferenciá-lo de seus pares, realçando suas capacidades de concretizar os anseios coletivos. Nesse aspecto, o discurso político, na concepção de Vignaux (apud ORLANDI, 2003, p. 73), “não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação”.

Na realidade brasileira, o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, (iniciado em 2003 e com término em 2010) é pautado por uma mudança discursiva ao longo do tempo, assumindo uma conotação extremamente popular, principalmente quando chegou ao poder, estabelecendo uma conexão com o povo brasileiro significativa, atingindo níveis inéditos de popularidade.

O discurso político constitui-se a partir de formações discursivas, formações imaginárias e ideológicas, próprias de um sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. Segundo Pêcheux (1997, p. 161), [...] se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma preposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes”- é porque [...] elas não têm um sentido vinculado a sua literalidade”. Entendemos, a partir disso que se um mesmo discurso for proferido por um candidato vinculado às esquerdas ou por um de direita, os efeitos de sentidos não são os mesmos, devido à inscrição em formações discursivas.

O candidato Luis Inácio Lula da Silva, pautado no ideário proposto pelo Partido dos Trabalhadores (PT), desde o início de sua carreira política, em 1980, procurou apoiar-se em um discurso de esquerda, ou seja, representando uma alternativa ao modelo político vigente, a simpatia de intelectuais, propiciando o fortalecimento ideológico do seu discurso, inscreve-se, portanto, em uma fundação discursiva de esquerda, a partir de imaginários constituídos em torno dos sujeitos-cidadãos que se inscrevem nessa mesma formação discursiva. Com isso, ele tornou-se, em pouco tempo, a principal figura do PT em nível nacional, sustentado tanto pelo seu carisma, como também pelos seus feitos na militância sindical. Seus discursos estimularam um número significativo de adesões, fortalecendo a imagem ideológica da agremiação partidária do Partido dos Trabalhadores.

Apesar das restrições que seu discurso provocava na mídia e em setores mais conservadores da sociedade, Luis Inácio desenvolveu uma oratória diferenciada, articulada em torno do público que procurava atingir, constituído da classe trabalhadora e dos estratos sociais menos favorecidos econômica e culturalmente. Para isso, pauta-se em um discurso *de*, que constitui memória e retorna na atualidade sustentando discursos *sobre*. Com relação à importância deste discurso *de*, Venturini (2009, p.50) sinaliza que:

Os discursos de rememoração, de um lado, trazem para o domínio da atualidade vestígios de um passado que retorna como recordação e, de outro, são interpretados pelos valores sociais do presente. Sua função é instaurar e sustentar o discurso de comemoração. Nesse movimento conjugam representação-interpretação e o devir num funcionamento que é, ao mesmo tempo, gesto de recordação, de atualização e de prospecção.

O discurso de comemoração - discurso *sobre* - nesse sentido é o da atualidade e se constitui no discurso do sujeito Lula pelos processos de identificação em que esse sujeito faz retornar

elementos da sua vida, da sua história, buscando constituir laços de identificação com os sujeitos-cidadãos. O discurso preferido por Lula, pautava-se pela informalidade, com o emprego constante de vocativos, bem como de comparações e da argumentação pelo exemplo, usando sua própria história de vida, marcada pela superação da condição de extrema pobreza que viveu na infância e na adolescência na região Nordeste, para assumir um papel político relevante no cenário nacional.

Mediante o exposto, o discurso do candidato Luis Inácio reforçava a ideologia do partido, relacionando-o com sua história de vida como forma de criar uma identificação mais forte com os brasileiros, mais especificamente, com as classes menos favorecidas economicamente, abrangendo, enfim, a maioria dos sujeitos-cidadãos. Em relação a essa característica, Orlandi (2003, p. 43) pondera:

[...] as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

Uma prática discursiva instaura-se e se concretiza como prática de sujeitos, Pêcheux (1997, p. 214) em relação a isso diz que:

Todo sujeito é constitutivamente colocado como autor de e responsável por seus atos (por suas “condutas” e por suas “palavras”) em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em “sujeito-responsável.

Os sujeitos falantes tornam-se autores e por meio de formações discursivas esses discursos representam na linguagem as formações ideológicas próprias dos sujeitos. A interpelação do indivíduo em sujeito realizado em seu discurso

acontece pela sua identificação com a formação discursiva que o domina e interpela. As palavras, no que concerne ao sentido, de acordo com Pêcheux (1997, p. 160) “[...] não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”. Isso significa que os sentidos são sempre determinados ideologicamente. Além disso, eles dependem também das condições de produção.

As formações discursivas, no discurso político, atrelam-se à figura de sujeito, posto que estas constituam a imagem pública com vistas a laços de identificação sujeito-eleitor e sujeito-candidato ou sujeito-político. O sujeito Luis Inácio, da posição discursiva de candidato do partido dos trabalhadores e depois de sujeito-presidente da república do Brasil buscou consolidar a figura de um líder atuante, com consciência social significativa, centrada na maioria da população, mais especificamente, a menos favorecida. Desse lugar preocupou-se em dar visibilidade às situações vivenciadas cotidianamente pela maioria dos sujeitos-cidadãos brasileiros, inserindo um componente ideológico sustentado na redução das injustiças e da desigualdade social. Segundo Venturini (2009, p. 108),

A organização material desse discurso busca a legitimação e a identificação com os sujeitos aos quais se destina o texto. A repetição e as redes parafrásticas que o reforçam “tecem” os traços de identificação e colocam num mesmo eixo os sujeitos e o objeto do discurso. Desse modo, as redes costuram a ilusão de que o dizer pode ser controlado pelas instituições.

Na análise em tela, ao assumir um discurso eminentemente popular o presidente Lula manteve a relação direta com os estratos sociais brasileiros com menor poder econômico, sendo que, moderando suas críticas aos detentores do poder, pode também obter simpatias nesta

esfera, pautando-se na ilusão de poder controlar os sentidos. Assim, seu discurso contemplou a característica da antecipação, cujo significado, corresponde ao:

[...] mecanismo da antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. [...] Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor. (ORLANDI, 2003, p. 39).

O discurso do governo Lula centrou-se, também, na oferta de programas sociais como o Programa Bolsa Escola, propiciando a constituição de laços identitários com sujeitos notáveis na atuação política, reconhecidos pelas suas ações de grande alcance popular, como Getúlio Vargas (presidente de 1930-1945 e 1951-1954), que é conhecido pela designação “Pai dos Pobres”, que instaura efeitos de elogios em determinados segmentos da sociedade e, de crítica em outros.

O discurso político nos programas sociais do governo Lula

O Presidente Luis Inácio Lula da Silva, desde que assumiu a presidência (por dois mandatos consecutivos), em 2002, efetivou um discurso eminentemente populista, realçando, entre outras características, a sua condição de nordestino, que superou todas as dificuldades para alcançar um *status* significativo no contexto político nacional. Nesse contexto, ressoa o sujeito Getúlio Vargas, que sustentava e legitimava seu discurso por meio de medidas populares, que podem ser exemplificadas pela criação de inúmeros direitos aos trabalhadores e ações em favor dos menos favorecidos, que no governo Lula se materializaram por meio de projetos que

incluem a Bolsa escola, a Bolsa Família, a Farmácia Popular, Minha casa Minha Vida, dentre outras, que o aproximam e reforçam a identificação com os extratos populares da formação social brasileira.

Tanto Getúlio Vargas, como Luis Inácio, identificaram a necessidade de formularem um discurso político que pudesse mobilizar a população, conferindo um nível de popularidade capaz de minimizar tanto a atuação da oposição como as críticas originárias do meio intelectual e realçassem os benefícios concedidos aos estratos sociais menos favorecidos, constituindo efeitos de minimização das injustiças sociais, de um lado e de outro diminuindo as diferenças entre os sujeitos-cidadãos. Com isso se estabelece um simulacro de igualdade e, talvez, de fraternidade, fazendo retornar discursos outros, constitutivos de um tempo mais longo, mas que é memória.

Ao angariarem um capital político significativo, os dois presidentes, cada um em seu tempo, obtiveram o respaldo necessário para legitimarem/sustentarem suas políticas governamentais, conseguindo desmobilizar a oposição e incutir no imaginário coletivo do comprometimento que estes estabeleceram com o bem estar de todos, tornando-se, para muitos, figuras míticas, inigualáveis, enfim, populares.

Cada um desses sujeitos pautados em procedimentos que os legitimaram. Luis Inácio beneficia-se de sua origem humilde para estabelecer um paralelo com os sujeitos-cidadãos, principalmente os que possuem menor poder econômico, ao passo que Getúlio Vargas investia em seu carisma e nos seus conhecimentos acerca da realidade brasileira e também nas leis sociais, destacando-se a implantação de um salário mínimo nacional, 13º. Salário e outras leis trabalhistas que agradaram à classe trabalhadora e tranquilizaram os grandes empresários.

É possível reconhecer que Luis Inácio conseguiu deslocar sua imagem da de Getúlio

Vargas, sendo que este último se constitui em discurso de, enquanto memória, que tomamos na esteira de Venturini (2009) como rememoração, que atualiza o discurso *sobre* – atualidade – que pode ser tomada como comemoração no sentido positivo, de celebração ou como crítica, rompendo então com o papel dos lugares de memória, nos moldes descritos por Nora. Podemos dizer, portanto, que Lula é reconhecido pelas suas próprias realizações, entretanto, o discurso populista ressoa, atualizando o discurso no eixo da formulação e a sua condição de grande líder das massas.

A não formação universitária não se tornou empecilho para que o sujeito-presidente Lula conseguisse se estabelecer como sujeito de potencial político reconhecido, indicando que a base do seu discurso não se orienta por recursos acadêmicos, mas pauta-se, na maioria das vezes, pela improvisação, que valoriza sua experiência de vida, conseguindo atingir o que lhe interessa: o sujeito-cidadão comum.

A partir da inscrição do sujeito à formulação discursiva, nesse sentido, trazemos Orlandi (2003, p. 53) que refere o seguinte, relacionando o dizer, a língua e o mundo a partir da memória discursiva:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinados, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por uma memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.

Retomando Orlandi (*idem*), podemos dizer que o discurso do Presidente Lula recebe influência de diversos fatores, como a sua experiência, o exercício contínuo da linguagem coloquial, sua relação próxima com o público, entre outros, favorecendo a receptividade da mensagem que, com frequência, procura realçar o atendimento a um anseio da população.

Acerca do mecanismo de antecipação, pelo qual se constituem as formações imaginárias, que se instaura pelo:

[...] mecanismo da antecipação [...] faz com que ele ajuste seu dizer a seus objetivos políticos, trabalhando esse jogo de imagens. Como em um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de “jogadas”, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos (no caso, eleitores), esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles “querem” (gostariam de, deveriam etc) ouvir. (Orlandi, 2003, p. 41-42).

Esse mecanismo “regula” as ações do sujeito, no caso, os programas do governo e o seu discurso, direcionando o dizer, “mostrando” o que faz e “como” faz, em resumo significando-se e sendo significado. Trata-se do procedimento descrito por De Certeau (1994) e descrito por Venturini (2009) como o “fazer crer” pelo “fazer ver”. Com isso, o sujeito-presidente não diz, mas mostra que fez e que a continuidade dos seus programas de governo são importantes para que continue o Brasil, como ele diz continue “melhorando”. Os slogans “faz mais” e “Brasil pode mais” estão destacadas a base da disputa eleitoral de 2010. O procedimento de “fazer crer” pelo “fazer ver” é um dos mecanismos dados pelo funcionamento do imaginário destacados no funcionamento do discurso populista.

A seguir, buscamos destacar os programas sociais do governo Lula. Iniciamos pelo programa *Bolsa Escola Federal*, cujo objetivo é pagar uma bolsa às famílias de baixa renda como estímulo para que as crianças e jovens frequentassem a escola regularmente. Foi implementado em 2001 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Em 2003, foi incorporado ao Programa Bolsa Família pelo presidente Lula para integrar e unificar o *Fome Zero*, que hoje é considerado extinto. O *Primeiro Emprego*, é outro programa social e foi excluído em 2006, mas atingiu 3.936 jovens, que entraram para o mundo do trabalho. Há, igualmente, os

antigos programas criados no Governo FHC: o *Bolsa Escola*, o *Auxílio Gás* e o *Cartão Alimentação*.

O *Programa Bolsa Família* tem por meta, ajudar financeiramente as famílias pobres, definidas como aquelas que possuem renda de R\$ 70,01 até 140,00 e extremamente pobres com renda per capita até R\$ 70,00. Os benefícios variam de R\$ 22,00 a R\$ 200,00 reais por mês (o valor pago depende do número de crianças e adolescentes atendidos e do grau de pobreza em que cada família se encontra). Por outro lado, as famílias beneficiárias precisam manter seus filhos e/ou dependentes com frequência na escola e vacinados para receber o benefício. O programa almeja reduzir a pobreza através de transferências de capital.

O Projeto **Minha Casa Minha Vida**, é um dos programas mais destacados e beneficia famílias de baixa renda no Brasil. O objetivo é realizar o sonho dos brasileiros de comprarem ou construir a casa própria. Esse benefício destina-se a famílias que possuem renda de zero a três salários mínimos. O Governo, por meio desse programa, visa construir um milhão de casas para famílias que recebem até dez salários mínimos e a prestação mínima, com essa faixa salarial, é de R\$ 50,00 e o valor máximo que poderá comprometer o orçamento fica em torno de 10% em um prazo de 10 anos.

O *Programa Farmácia Popular* do Brasil ajuda a aumentar a adesão de medicamentos para pessoas que tenham doenças comuns como: diabetes, pressão alta, etc. O Programa possui uma rede própria de Farmácias Populares e a parceria com farmácias e drogarias da rede privada, chamada de Sistema de Copagamento ou “Aqui tem Farmácia Popular”, que fornece medicamentos com um elevado desconto.

Como se vê, nem todos os programas sociais foram criados no Governo Petista, alguns foram criados e implementados no governo tucano, de Fernando Henrique Cardoso. Entretanto,

a continuidade desses programas é, muitas vezes, apagado dando destaque aos programas desenvolvidos a partir de 2005, quando Lula assumiu a presidência da república. Assim como também é apagado, muitas vezes, a importância de Fernando Henrique nesses programas, aparecendo todos como se tivessem sido criados no governo do PT.

A marca registrada do discurso de Lula é o enunciado “nunca antes nesse país”, que reforça os programas sociais e as conquistas que o povo “teria” tido nos últimos oito anos. Os programas sociais reforçam a designação “homem do povo”, interessado na melhoria econômica de seus “iguais” (a população mais carente). Outra característica do seu discurso é a de colocar-se constituir traços de identificação com as minorias, dando visibilidade a sua vida de “nordestino pobre” e ao modo como conseguiu ser sindicalista, líder político, candidato várias vezes e, presidente da república, não por quatro anos, mas por oito, assim como Fernando Henrique Cardoso. O trabalho da ideologia na língua satura o discurso, dando como evidente o “ser homem do povo”, “que sustenta e atualiza o discurso populista.

Isso estrutura e consolida no espaço discursivo, com a contribuição dos programas sociais, o imaginário em torno do Presidente Lula como o político identificado com as causas sociais, sendo este comprometimento originário de sua própria história e do posicionamento ideológico adotado ao longo de sua trajetória política. É possível identificar que, no seu discurso, o mecanismo de antecipação, (onde o sujeito tem a condição de colocar-se no lugar do interlocutor previamente, principalmente na forma com que ele irá recepcionar a mensagem) é bastante empregado, favorecendo a escolha das palavras e das imagens a serem utilizadas no desenvolvimento de sua retórica visando o convencimento.

Ainda que a utilização do mecanismo da antecipação ocorra de forma espontânea, o discurso proferido pelo sujeito Presidente Luis Inácio é fruto de mecanismos próprios das antecipações imaginárias. Ele dá visibilidade ao que deu certo ao longo de sua vida política, fazendo com que os sujeitos-cidadãos vejam/creiam que ele, mesmo pobre, assim como são pobres a maioria dos sujeitos-brasileiros, conseguiu vencer. Ressoa aí, a possibilidade de “todos”os brasileiros serem capazes de vencer. Com isso, torna presente os programas sociais, ele “faz-ver” e por isso “crer”, que os seus programas sociais decorrem da identificação dele com os menos favorecidos. Ele, por esse discurso “sabe” o que é bom e necessário para a sociedade brasileira favorecendo a elaboração de uma mensagem que consegue convencer os sujeitos-cidadãos, pautado também no êxito de seus programas sociais.

Os efeitos sociais positivos dos programas sociais do governo Lula reforçam ainda mais o significado ideológico de seu discurso, evidenciando que a prática discursiva não se prende mais somente a verbalização, mas contempla também a imagem e a execução de ações que dão sentido mais concreto às palavras, fazendo com que o atual presidente angarie a simpatia dos sujeitos-cidadãos, como também o reconhecimento, até no exterior, de sua capacidade de mobilização política. No término do mandato, segundo pesquisas, o presidente Lula angariou um nível de sua popularidade histórico, alcançando 87% de popularidade revela que este conseguiu construir uma imagem significativa junto ao povo brasileiro, indicando a relevância da análise do seu discurso neste processo.

Na Revista IstoÉ, nº. 2126, de 11 de agosto de 2010, apresenta uma matéria sobre o momento de Lula, que aos poucos meses de deixar o governo, a sua popularidade é altíssima. Na entrevista que Lula concedeu a revista ISTOÉ,

é notável em seu discurso o emprego de palavras em consonância com que o pretende assinalar com maior intensidade, independente para quem o discurso se direciona, provocando impacto e ocasionando um nível de atenção maior as suas palavras, gerando repercussões significativas na sociedade, demarcando ainda mais sua imagem pública.

No discurso do Presidente Lula, o sentido de algumas palavras utilizadas modifica-se em conformidade ao público a que se dirige, remetendo, a percepção que:

[...] o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2003, p. 42-43).

O Presidente Lula por meio do seu discurso dá visibilidade a imaginários em torno dele mesmo e constrói imaginários também de seus interlocutores. O sentido depende da sua inscrição em uma formações discursivas, considerando, igualmente os interlocutores, construindo imaginários em torno deles. Esse jogo de imaginários possibilita a identificação e, a aceitação. O seu discurso, portanto, não encaminha para um sentido somente, ele instaura efeitos de sentidos outros, de acordo com a filiação do interlocutor em formações discursivas.

A repercussão desse discurso depende, portanto, dos traços de identificação instaurados. Os efeitos de sentido são encaminham para o mesmo, apesar do cuidado com o que é dito e, também, com o modo que é dito. Um dos efeitos mais recorrentes é a visibilidade dada à preocupação com os menos favorecidos, com os gestos largos, sorriso bondoso, planos grandiosos, nos o centro é o povo, a quem garante proteção e essa proteção

reverte-se em votos e em popularidade alta, que o ajudar a concretizar seus objetivos políticos.

Conclusão

O discurso do Presidente Luis Inácio Lula da Silva instaura efeitos de evidência e de saturação e isso acontece muitas vezes, pelo aparente improviso próprio do seu discurso, no qual a linguagem tem a marca da variante popular e, com isso instaura outro efeito: o de que ele e o povo se assemelham. O mecanismo utilizado sinaliza para a adaptação desse sujeito a diferentes situações e condições. Outra evidência é que nesses discursos há um foco e que esse foco se sustenta no comprometimento político com os sujeitos-cidadãos, especialmente, a massa populacional, a menos favorecida, geralmente.

Nesse contexto, os procedimentos discursivos e os processos pelos quais busca a adesão da massa populacional é semelhante aos de Getúlio Vargas, que se representava como populista. Entretanto, não é igual, pois ele conseguiu destacar-se, construir uma imagem própria, tendo sucesso na mobilização dos sujeitos-cidadãos e da mídia em torno de seus discursos. Seu discurso foi sendo aprimorado ao longo de sua trajetória política, incorporando também uma imagem moderna, dando visibilidade à história de um sujeito que angaria grande simpatia popular, até mesmo em outros países, principalmente pelo fato de ter superado sua condição inicial de excluído social para assumir o cargo político mais importante do país.

O emprego dos referenciais de análise de discurso propostos por Orlandi foi determinante para a elaboração de uma apreciação mais significativa, revelando que o Presidente Lula por meio de seu discurso atinge aos sujeitos-cidadãos, que se identificam com ele, tendo em vista que o seu modo de significar-se contempla os mais

diversificados sujeitos-cidadãos, reforçando sua imagem constituída ao longo do seu percurso político, em especial, do presidente referendado pela população.

Referências Bibliográficas

COURTINE, Jean-Jaques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. São Carlos: Clara Luz, 2006.

MARQUES, C. J., MOREIRA, Delmo., FILHO, M. S.; COSTA, Octávio. O momento de Lula. **Revista IstoÉ**, São Paulo, n. 2123, p 43-54, 11 agost. 2010.

MOREIRA, Delmo. Um país de promessas. **Revista IstoÉ**, São Paulo, n. 2123, p.44-50, 11 set. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. São Paulo: Campinas, 2003.

PARDELLAS, Sérgio. Todos querem ser Lula. **Revista IstoÉ**, São Paulo, n. 2125, p.40-50, 04 agost. 2010.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. **Papel da memória**. Trad. Introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et. al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/ comemoração. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

Artigo enviado em: 07/01/2011

Accite em: 24/06/2011